

## Educação Sexual na Adolescência: meio rural *versus* meio urbano

**Rita Alexandra Rosa** (Enfermeira, Mestre em Psicologia da Sexualidade, Hospital de Santa Maria)

**António Manuel Marques** (Professor-Coordenador, Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal)

### Resumo

O presente estudo teve por objectivo compreender a influência do meio rural e do meio urbano nos conhecimentos dos adolescentes de ambos os sexos, na área da sexualidade. Sob uma óptica quantitativa e transversal, participaram 418 adolescentes a frequentar o 9º ano de escolaridade em escolas públicas inseridas em meios rural e urbano, aos quais foi aplicado um questionário de auto-preenchimento, procurando caracterizar os conhecimentos, as fontes de informação em matéria de sexualidade e as perspectivas acerca da concretização da educação sexual. Os resultados revelaram algumas diferenças nos conhecimentos e interesses dos adolescentes de ambos os contextos em alguns domínios específicos, evidenciando a importância de valorizar as necessidades específicas dos adolescentes e o contexto sócio-cultural e geográfico em que estes se inserem.

**Palavras-chave:** *adolescência; educação sexual; conhecimentos; interesses; meio rural; meio urbano*

### Abstract

This study aimed to understand the influence of rural and urban settings on the knowledge of adolescents of both sexes regarding sexuality. Under a quantitative and transversal approach, with a sample of 418 adolescents attending the 9th grade in public schools, inserted in urban or rural settings, data was collected through the application of a self-fulfilled questionnaire, seeking to characterize knowledge, sources of information on the subject of sexuality and perspectives on the implementation of sex education. The results revealed some differences in knowledge and educational interests of adolescents between these contexts in some specific areas, highlighting the importance of valuing the specific needs of adolescents and the socio-cultural and geographic context where they belong.

**Keywords:** *adolescence; sex education; knowledge; educational interests; rural setting; urban setting*

## Introdução

Existe acordo geral de que a educação sexual é uma estratégia válida para promover a realização do potencial de cada adolescente, através da prevenção de comportamentos de risco e desenvolvimento de competências no domínio da sexualidade (Brás, 2008; Fonseca, 2002; Lopes, 2006; López, 2005; Lourenço, 1998; Ministério da Educação *et al.*, 2000; Zapián, 2002).

Como as atitudes perante a sexualidade são socialmente elaboradas e partilhadas e uma das suas componentes são as cognições (López & Fuertes, 1999; Lemos, 2002), é pertinente a interrogação acerca dos efeitos do contexto geográfico e social, consoante este seja o meio rural ou urbano, uma vez que, apesar do fenómeno da globalização, estes são distintos a vários níveis (Carvalho, 2003; Leclerc, 2000; Melo, 2002; Wirth, 2001).

Assumimos que a cultura local é um fenómeno particular que se opõe à ideia de global, referindo-se a um espaço limitado, cujos habitantes mantêm entre si relações interpessoais relativamente estreitas. Os conhecimentos comuns aos habitantes das culturas locais espelham e contribuem para reforçar os elos que ligam os indivíduos a um lugar, a partilha de sentidos de pertença e a organização social (Featherstone, 2001).

Pretendemos, assim, contribuir para a reflexão acerca das necessidades de educação sexual na adolescência, uma fase de transformações físicas, psicológicas, familiares e sociais (Braconnier, 2001; Sprinthall, 1999). Admitimos que a globalização, sobretudo na esfera dos conhecimentos, é um fenómeno com impacto generalizado, mas que a cultura local possui implicações na forma de ser e de pensar dos indivíduos, tornando o conhecimento particular (Giddens, 2001; Neto, 2003). Questionámo-nos sobre a existência de diferenças nas necessidades de educação sexual dos adolescentes de ambos os sexos que frequentam o 9º ano de escolaridade, conforme residam em meio rural ou urbano.

## Participantes e método

Este estudo tem um carácter quantitativo e transversal, com uma abordagem comparativa. A selecção das escolas contactadas, para posterior envolvimento dos participantes, foi determinada pela categorização prévia do seu contexto de inserção (rural ou urbano), articulando as propostas conceptuais da revisão da literatura (e.g. Alves, 2004; Batista, 2001; Cavaco, 2004; Garnier, 1997; Wirth, 2001) e alguns dados disponíveis do INE (2001, 2007) acerca da grande região pretendida, por questões logísticas. Assim, foram considerados os seguintes elementos e indicadores relativos a cada concelho: densidade populacional, pirâmides etárias, sectores de actividades económicas (primário, secundário e terciário), taxas de analfabetismo e serviços de saúde existentes. Realizada esta análise, foram seleccionadas 8 escolas públicas das seguintes localidades: Ponte de Sôr, Golegã, Sardoal, Tomar, Torres Novas e Tramagal (consideradas como de meio rural) e Oeiras e Rio de Mouro (consideradas do meio urbano).

Os instrumentos de recolha de dados foram aplicados nessas escolas, entre Dezembro de 2008 e Fevereiro de 2009, a 418 estudantes do 9º ano de escolaridade, metade em escolas inseridas em meio urbano e outra em meio rural, 67,5% com catorze anos, 23,7% com quinze e 8,9% com dezasseis, sendo 54% do sexo feminino.

Para a recolha dos dados foi utilizado um questionário de auto-resposta, dividido em três blocos de questões, para além de outros dois, com a apresentação do estudo e recolha de dados

sócio-demográficos, bem como alguns elementos comportamentais (actividade sexual coital e uso de contracepção).

No primeiro bloco, as questões focalizaram-se nos conhecimentos sobre anatomia e fisiologia dos órgãos genitais e reprodutores de ambos os sexos, concepção, contracepção, ciclo ovárico e prevenção das IST. Foi solicitada a legendagem de quatro figuras com os principais aparelhos reprodutores de ambos os sexos e a selecção da resposta 'verdadeira', 'falsa' ou 'não sei/indeciso' face a vinte afirmações sobre essas temáticas, sendo metade correctas. Em ambos os casos, foram tidos em conta os conteúdos formalmente incluídos nos programas escolares até ao 9º ano. O segundo bloco de questões pretendeu identificar as fontes de informação a que os adolescentes afirmam recorrer para esclarecimento das questões ligadas à sexualidade, sendo disponibilizadas treze opções mutuamente não exclusivas. O terceiro bloco de questões visou conhecer os temas preferidos para serem desenvolvidos em actividades de educação sexual, com base em Ministério da Educação *et al.* (2000) e Frade *et al.* (2009). Foi solicitado aos respondentes que ordenassem de modo descendente dez temas possíveis. Como complemento a esta questão fechada, foi disponibilizada uma questão aberta para sugestão de outros temas. O último bloco de questões centrou-se nas preferências dos respondentes quanto à organização das acções de educação sexual, sendo formuladas quatro questões: acções individualizadas e/ou em grupo, na turma e/ou fora da turma, mais ou menos participativas, no espaço da escola e/ou no centro de saúde. Nos três primeiros casos apenas se permitiu assinalar uma opção de resposta e na última mais do que uma opção.

Na análise das respostas obtidas foi feita uma primeira leitura, através de estatística descritiva, à qual se seguiu o seu aprofundamento, procurando verificar a existência de diferenças significativas nas respostas dos adolescentes de ambos os sexos, dos meios rural e urbano.

Relativamente à influência do meio e do sexo dos participantes nos níveis de conhecimentos, como comparámos dois grupos em variáveis dependentes de tipo quantitativo, foi utilizado o teste t de Student para amostras independentes. Para saber se são diferentes as fontes de informação sobre sexualidade dos adolescentes dos meios rural e urbano, testámos a independência de variáveis (tabela 2 x 2) utilizando o teste exacto de Fisher. Para clarificar a importância atribuída pelos respondentes de ambos os sexos e meios aos temas a desenvolver, comparámos dois grupos em variáveis dependentes de tipo ordinal utilizando o teste de Mann-Whitney. Por fim, para conhecer o tipo de organização das sessões de educação sexual referido por ambos os sexos e nos dois meios, testámos a independência de variáveis (tabela 2x3), através do teste Qui-Quadrado.

## Resultados

Inicial e sumariamente, referiremos alguns dos resultados obtidos sem a desagregação das respostas dos participantes de ambos os sexos e dos meios rural e urbano, as quais serão objecto de análise posterior.

Os níveis de conhecimentos dos adolescentes sobre anatomia dos aparelhos reprodutores são tendencialmente baixos: dos dezassete itens/órgãos apresentados, apenas em seis existem níveis de acerto superiores a 50%, distribuindo-se os restantes por respostas erradas e não respostas. Os seus conhecimentos sobre fisiologia da reprodução, IST, contracepção e direitos sexuais são relativamente elevados. Com efeito, somente em três dos 20 itens o nível de acertos é inferior a 50% e 12 ultrapassam os 70%. Contudo, existem lacunas importantes nos

conhecimentos relativos a aspectos particulares da concepção, contracepção e IST (por exemplo, a possibilidade de ocorrência de gravidez com ejaculação sobre a vulva, a determinação do início do período fértil, o preservativo como único método de prevenção do contágio por VIH), sobretudo se considerarmos que 55 dos respondentes (cerca de 13%) assumiram ter iniciado a actividade sexual coital e que, destes, 6 disseram não ter usado qualquer método e 34 disseram ter usado preservativo.

Os professores (76,3% de referências), os amigos (61,2%), a televisão e os filmes (45,5%), a mãe (43,1%) e a internet (40%) são as principais fontes de informação consideradas pelos adolescentes sobre questões acerca da sexualidade. Os principais temas de interesse dos adolescentes envolvidos são, por ordem de preferência, os métodos contraceptivos, as IST, as transformações físicas da adolescência e a concepção. As respostas obtidas apontam para opiniões favoráveis a acções de educação sexual realizadas na turma (34,2%), sem divisão por sexos (50%) ou separando-os em função dos temas (39,7%). As formas de organização das sessões de educação sexual preferidas são as que exigem menos a sua participação e maior protagonismo por parte dos formadores (51,9% das referências), sejam eles professores ou profissionais de saúde, idealmente com apresentação oral suportada por filmes (48,1%).

#### **Resultados em função do meio e do sexo**

O número médio de identificações correctas realizadas pelos adolescentes dos meios rural e urbano nas representações da anatomia dos aparelhos reprodutores é significativamente diferente ( $t_{(404,704)} = 3,851$ ,  $p=0,000$ ). Os alunos de origem urbana realizam, em média, mais identificações correctas (8,45) do que os de origem rural (7,17), evidenciando que os primeiros terão um nível superior de conhecimentos do que os segundos. Quanto aos conhecimentos sobre contracepção e IST, os alunos de origem urbana acertam, em média, em mais afirmações (14,06) do que os de origem rural (13,46), com valores tendencialmente significativos ( $t_{(416)} = 1,926$ ,  $p=0,055$ ).

Os rapazes do meio urbano fizeram mais identificações correctas (8,90) do que as raparigas (8,08), com resultados tendencial e estatisticamente significativos ( $t_{(207)} = 1,924$ ,  $p=0,056$ ), nas questões sobre os aparelhos reprodutores. Nas mesmas questões, no meio rural, são as raparigas quem apresenta maior número de acertos (7,67 para 6,61), com significância estatística ( $t_{(207)} = -2,111$ ,  $p=0,036$ ). Relativamente aos conhecimentos sobre contracepção e IST, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos nos meios rural e urbano.

Quanto ao reconhecimento das fontes de informação sobre sexualidade, os resultados mostram que não existem diferenças entre os participantes dos dois contextos: ambos enumeram, por ordem decrescente de importância, os professores, os amigos, a televisão e os filmes e a mãe.

De entre os vários temas sugeridos para desenvolver nas actividades de educação sexual, apenas alguns diferem entre os participantes dos contextos rural e urbano. Os primeiros estão significativamente mais interessados no tema “como pode ocorrer uma gravidez” do que os segundos (ordenação média = 211,95 versus 185,18); ( $Z=-2,347$ ,  $p=0,01$ ). Por sua vez, os que residem numa zona urbana estão significativamente mais interessados no tema “como expressar os sentimentos face a outra pessoa” do que os alunos de origem rural (o.m. = 186,79 versus 163,65); ( $Z=-2,16221$ ,  $p=0,03$ ).

A análise em função do sexo evidencia algumas diferenças tendenciais: as raparigas terão maior interesse no tema da “masturbação e orgasmo” (o.m. = 209,09 versus 155,57); ( $Z = -4,872$ ,  $p = 0,00$ ), enquanto os rapazes estarão mais interessados no tema “aborto” (o.m. = 194,59 versus 174,39); ( $Z = -1,832$ ,  $p = 0,07$ ).

A preferência genérica por actividades de educação sexual realizadas no espaço da turma evidencia-se também quando se comparam as respostas de ambos os sexos e dos adolescentes dos meios rural e urbano, sugerindo tratar-se de uma opinião muito homogênea.

### **Discussão e Conclusões**

Em termos globais, é de assinalar o nível tendencialmente baixo dos conhecimentos dos participantes sobre anatomia dos aparelhos reprodutores. Para estes resultados terão contribuído as respostas erradas e não respostas na legendagem da figura do aparelho reprodutivo masculino, o que nos levou a considerar um possível efeito da menor objectividade da figura apresentada no instrumento de recolha de dados.

Pela positiva, sublinhamos o nível elevado de conhecimentos sobre fisiologia de reprodução, IST, contracepção e direitos sexuais. É, contudo, notória a existência de lacunas importantes nos conhecimentos relativos a alguns aspectos das IST e da concepção e contracepção, sobretudo se considerarmos que 13% dos respondentes assumiu ter iniciado actividade sexual. Se, a partir dos dados de Ferreira (2008) e Vilar e Ferreira (2009) valorizarmos que alguns destes adolescentes poderão, potencialmente, vir a iniciar a actividade sexual nos dois anos seguintes, as carências de conhecimentos identificadas poderão assumir alguma gravidade no que se refere às suas implicações negativas, ainda que se considere a possibilidade de, como apontam os resultados de João Lopes (2006; p. 167), essas actividades poderem ter um carácter episódico e pontual.

As referências aos professores, aos amigos, à televisão/filmes, à mãe e à internet como principais fontes de informação sobre questões acerca da sexualidade podem ser encaradas como evidência do crescente papel da escola/professores nas actividades de educação sexual (Vilar & Ferreira, 2009) e da importância do grupo de amigos nos processos da adolescência (Fonseca, 2002; Lourenço, 1998). Confirma-se também a assumpção das mães como fonte de informação acerca da sexualidade em detrimento dos pais (Vilar & Ferreira, 2009) e da internet como recurso informativo (segundo os respondentes) para os temas da sexualidade, como referido por Ramiro e Matos (2008).

A indicação geral dos métodos contraceptivos, IST, transformações físicas da adolescência e concepção como principais temas de interesse sugere uma correspondência com as principais lacunas de conhecimentos demonstradas pelos adolescentes. Interrogamo-nos, contudo, se essas respostas reflectem as suas representações acerca do estímulo “educação sexual”, muito centrada no modelo patogénico e bio-médico (López, 2005) ou se corresponde a alguma dificuldade em projectar o seu envolvimento em actividades focalizadas em temas de maior intimidade, como a masturbação, o orgasmo, a expressão de sentimentos e a orientação sexual.

A preferência por acções de educação sexual realizadas na turma comprova a importância fulcral do grupo no desenvolvimento da adolescência (Braconnier, 2001), uma vez que este pode ser uma fonte de sustentação, de modo individual e colectivo, dando-lhes uma sensação de familiaridade. Tal facto leva-nos a questionar se a fraca referência aos gabinetes de apoio

individual aos adolescentes (6,2%) estará relacionada com as particularidades destas idades (14-16 anos) e/ou com a inexistência de experiências prévias no uso desse recurso.

Vários autores defendem que a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de actividades de educação sexual (Lemos, 2002; López, 2005; Marques, 2002; Zapian, 2003), mas é lícita a interrogação sobre outras possibilidades. Assinalamos o pouco apreço dos inquiridos pela possibilidade da educação sexual decorrer no Centro de Saúde, ainda que 42,1% defendam a articulação ou alternância entre as duas instituições. Hipoteticamente, a impossibilidade física de agregação de uma turma (algo que valorizam), a menor familiaridade com os profissionais de saúde, como também verificou Teresa Correia (2008) junto de 7932 adolescentes das capitais de distrito e a inexistência de experiências similares poderão explicar as suas respostas peremptórias, ainda que se deva assinalar o reconhecimento do papel de apoio potencial dos profissionais e serviços de saúde no domínio da saúde sexual e reprodutiva.

Os adolescentes preferem formas menos participativas de organização das acções de educação sexual e com mais intervenção dos formadores, sejam eles professores ou profissionais de saúde. Julgamos defensável que o maior protagonismo atribuído aos profissionais poderá relacionar-se com a preponderância de adolescentes menores de 16 anos, os quais poderão associar uma maior passividade a alguma protecção face à inibição e exposição perante a turma. Defendemos que a clarificação das aspirações dos adolescentes quanto à orientação metodológica das sessões mereceria algum investimento futuro, uma vez que alguns autores defendem a aposta em estratégias dinâmicas e participativas (López, 2005; Ministério da Educação *et al.*, 2000; Zapian, 2003).

A observação de que os participantes do meio urbano fazem mais identificações correctas nas legendas dos aparelhos reprodutores e parecem possuir mais conhecimentos quanto à contracepção e IST do que os do meio rural leva-nos a indagar se, por influência dos seus contextos de sociabilidade, os segundos terão menores oportunidades e recursos de apoio para aumentarem os conhecimentos nestes domínios específicos.

Nesta interrogação deve considerar-se que, segundo Stanhope e Lancaster (1999), os indivíduos inseridos no meio rural se envolvem menos em comportamentos preventivos, aumentando a sua exposição ao risco, mas também a complexidade de factores de índole sócio-cultural que caracterizam esse meio (Hollands, 2001; Wirth, 2001). Esses factores poderão produzir efeitos que se sobrepõem à universalização das fontes de saber formal e informal (como o Sistema Educativo, os meios de comunicação social e a internet) que contribuem para a chamada globalização (Leclerc, 2000; Melo, 2002), pelo menos no que diz respeito ao conhecimento e vivências sexuais.

A comparação das respostas de ambos os sexos permite observar a existência de alguma similitude genérica, nomeadamente quanto aos conhecimentos acerca da contracepção e das IST. No entanto, os rapazes do meio urbano e as raparigas do meio rural demonstram maiores níveis de conhecimento acerca da anatomia dos aparelhos reprodutores. Estes resultados contrariam, pelo menos em parte, o saber acumulado de outros estudos (Brás, 2008; Marques, 2002; Vilar & Ferreira, 2009), uma vez que as raparigas tendem a evidenciar mais conhecimentos do que os rapazes, mas corroboram a tendência para um crescente envolvimento e interesse masculinos nas questões da sexualidade, assinalada pelo estudo recente de Vilar e Ferreira (2009).



A similitude das fontes de informação nos dois sub-grupos poderá ser compreendida pelo facto de, na actualidade, a informação confluir de uma forma universal, com especial ênfase nos meios de comunicação social (Correia, 2008; Vilar & Ferreira, 2009). Estes transformam quase tudo em informação universalmente disponível, levando à homogeneização de saberes, um dos efeitos da globalização na esfera do conhecimento e das formas de pensar (Giddens, 2001; Melo, 2002).

No que diz respeito à escolha de temas a desenvolver na educação sexual, verificou-se que os alunos do meio rural demonstram maior interesse no tema da ocorrência da gravidez, enquanto os alunos do meio urbano preferem a abordagem de temas relativos à forma de expressar os sentimentos face a outra pessoa. Hipoteticamente, esta dissemelhança pode resultar dos efeitos articulados de diferentes racionalidades, estímulos, recursos, formas de organização do espaço de sociabilidade e de instrumentos de regulação da conformidade social (Melo, 2002; Neto, 2003).

As diferenças obtidas nas respostas dos adolescentes dos meios rural e urbano levam-nos a sugerir que a organização dos projectos e acções de educação sexual deverão ter em consideração as necessidades dos adolescentes face às suas vivências sexuais, mas também os factores contextuais resultantes de elementos sócio-culturais, geográficos e institucionais que podem facilitar ou dificultar a promoção e vivência positiva da saúde sexual e reprodutiva.

### Referências bibliográficas

- Alves, J. (2004). Sobre o património rural. Contributos para a clarificação de um conceito. *Cidades. Comunidades e Territórios*, 8, 35-51.
- Batista, F. (2001). *Agricultores e Territórios*. Oeiras: Celta.
- Braconnier, A. (2001). *O Guia da Adolescência*. I Vol. Lisboa: Climepsi.
- Brás, M.A.M. (2008). *A Sexualidade do Adolescente: a perspectiva do profissional de enfermagem dos cuidados de saúde primários*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Enfermagem. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Carvalho, J. (2003). *Ordenar a Cidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cavaco, C. (2004). O mundo rural português: desafios e futuros. *Finisterra*. XXXIX, 78, 99-112.
- Correia, T. (2008). Expectativas dos adolescentes em relação aos professores e profissionais de saúde na área da sexualidade. *Sinais Vitais*, 80, 42-8.
- Featherstone, M. (2001). Culturas Globais e Culturas Locais. In C. Fortuna (Org.), *Cidade, Cultura e Globalização – Ensaios de Sociologia* (pp. 83-103). Oeiras: Editora Celta.
- Ferreira, M.M.S.R.S. (2008). *Estilos de Vida na Adolescência: de necessidades de saúde à intervenção em enfermagem*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Enfermagem. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Fonseca, H. (2002). *Compreender os adolescentes. Um desafio para pais e educadores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Frade, A., Marques, A.M., Alverca, C. & Vilar, D: (2009). *Educação Sexual na Escola. Guia para professores, formadores e educadores*. 6ª ed. Lisboa: Texto Editores.
- Garnier, J. (1997). *Geografia Humana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (2001). *O Mundo na Era da Globalização*. Lisboa: Editorial Presença.
- Hollands, R. (2001). *Urban Nightscapes. Youth cultures, pleasure spaces and corporate power*. New York: Taylor & Francis.

- Instituto Nacional de Estatística (2001). *Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo*. Lisboa: INE. Direcção Regional de Lisboa e Vale do Tejo.
- Instituto Nacional de Estatística (2007). *Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo*. Lisboa: INE. Direcção Regional de Lisboa e Vale do Tejo.
- Leclerc, G. (2000). *A sociedade de Comunicação. Uma abordagem sociológica e crítica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lemos, M. (2002). O papel dos conhecimentos e atitudes sobre sexualidade como pré-requisitos para comportamentos saudáveis. *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 33, 43-50.
- Lopes, J.C.F. (2006). *Sexualidade dos Adolescentes e VIH/SIDA: conhecer para educar*. Dissertação de Mestrado em Activação do Desenvolvimento Psicológico. Aveiro: Universidade de Aveiro – Departamento de Ciências da Educação.
- López, F. & Fuertes, A. (1999). *Para Compreender a sexualidade*. Lisboa: APF.
- López, F. (2005). *La Educación Sexual*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Lourenço, M. (1998). *Textos e Contextos da Gravidez na Adolescência. A adolescente, a família e a escola*. Lisboa: Fim de Século.
- Marques, A. M. (2002). Problemas e necessidades de saúde sexual e reprodutiva em bairros de arrendamento público. *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 35, 23-30
- Melo, A. (2002). *Globalização Cultural*. Lisboa: Quimera.
- Ministério da Educação, Ministério da Saúde, Associação para o Planeamento da Família & RNEPS (2000). *Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Neto, F. (2003). *Estudos de Psicologia Intercultural. Nós e os outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ramiro, L. & Matos, M.G. (2008). Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. *Revista de Saúde Pública*, 42 (4), 684-92.
- Sprinthall, N. (1999). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw Hill.
- Stanhope, M., & Lancaster, J. (1999). *Enfermagem Comunitária. Promoção da Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos*. Lisboa: Lusociência.
- Vilar, D. & Ferreira, P.M. (2009). Educação Sexual do Jovens Portugueses: conhecimentos e fontes. *Educação Sexual em Rede*, 5, 2-53.
- Wirth, L. (2001). O urbanismo como modo de vida. In C. Fortuna (Org.), *Cidade, Cultura e Globalização. Estudos de sociologia* (pp. 45-66). Oeiras: Editora Celta.
- Zapian, J. (2002). Educação afectivo-sexual. *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 35, 33-8.
- Zapian, J. (2003). Educação afectivo-sexual na escola. *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 36, 33-8.